

Uma nova companhia circense poderá nascer na Ceilândia.  
Falta dinheiro para a lona e para os impostos,  
mas a esperança é a última que morre.

# Ceilândia: uma esperança para o circo

Gerson Menezes

A sofrida Ceilândia dos buracos e da poeira, que está comemorando oito anos, poderá ser o berço de uma nova companhia circense, mas as coisas não estão assim tão fáceis. Quem admite isto é Nair de Brito, integrante de uma caravana de 13 adultos e sete crianças, há seis meses naquela cidade-satélite tentando formar um novo circo com o pessoal «desgarrado» do Circo Italiano.

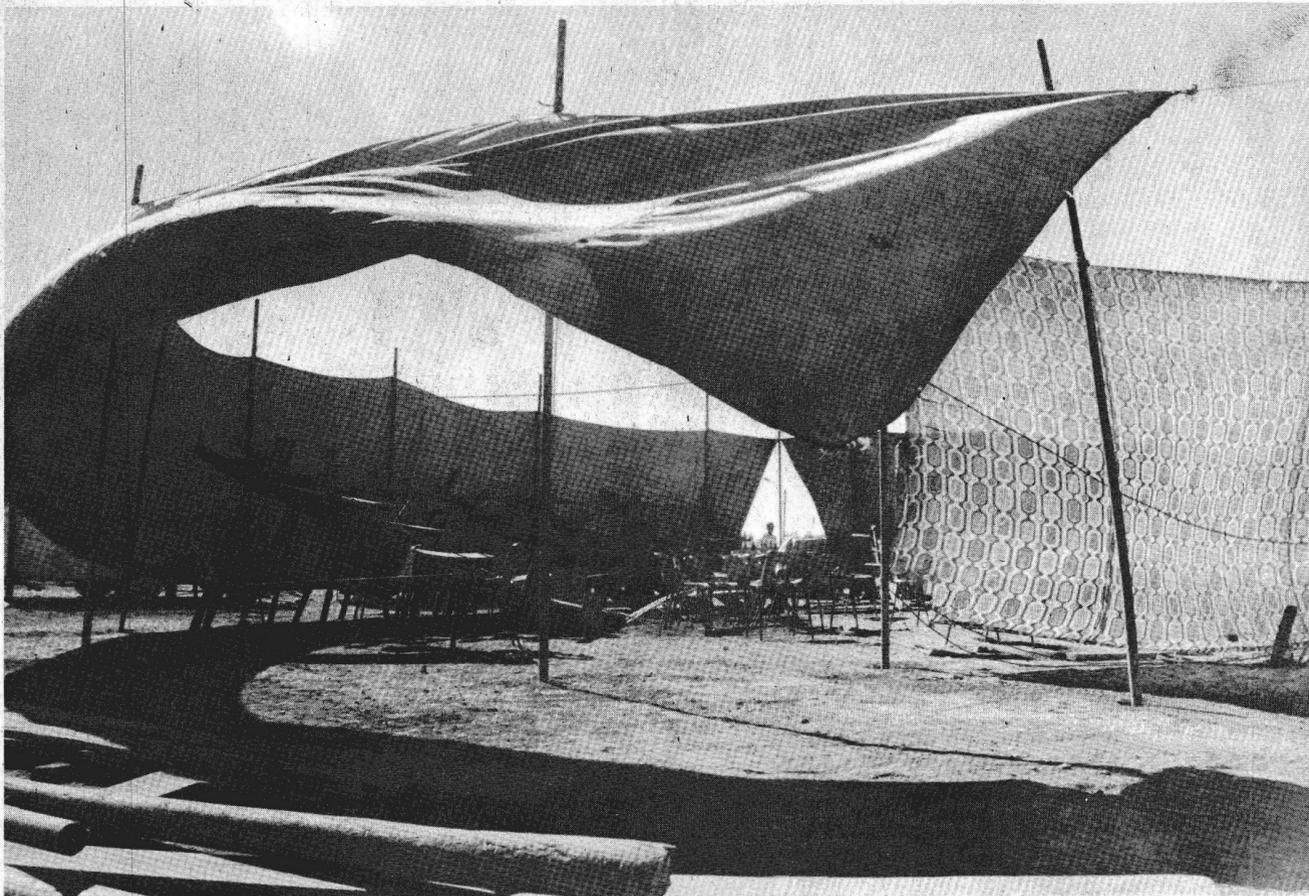
Numa combinação perfeita com a área que o circunda, o «projeto» de circo conserva a mesma impressão de abandono. O grupo, atualmente entre a QNN 5 e a QNN 7 da Ceilândia, vem tentando sobreviver, «enquanto a lona não fica pronta», apresentando pequenos espetáculos para as crianças e promovendo jogos de argola. O público, no entanto, não aparece «há mais de duas semanas» e está ficando cada vez mais difícil arcar com as despesas semanais, de quase 10 mil cruzeiros, incluindo os impostos.

## OTIMISMO

Apesar disto tudo, demonstrando um otimismo fora do comum, Nair de Brito e os outros componentes do grupo tentam levar o projeto adiante. Com a falta de público, devido inclusive à precariedade das instalações provisórias, os artistas vêm promovendo jogos de argola: as argolas são arremessadas sobre garrafas de Coca-Cola, e quem acertar ganha o refrigerante. Por cada jogada é cobrado um cruzeiro e o máximo de «renda» que conseguem, com muita sorte, é Cr\$ 200 por dia. Quando o público comparece para assistir aos pequenos espetáculos, o máximo que se consegue é Cr\$ 900,00 assim mesmo aos domingos. Como é preciso comprar remédios e alimentar muitas bocas, Nair tentou, num contato com a administração da Ceilândia, que as apresentações do grupo fossem incluídas dentro da programação de aniversário da cidade, que vai até o dia sete do mês que vem. Recebeu, no entanto, à resposta de que deveria ter procurado a administradora «há um mês atrás» e que agora não era mais possível incluí-los na programação, o que se converteu em mais uma frustração para todo o grupo.

## ROMPIMENTO

Em frente ao trailler quase destruído pelo tempo e pelos quilômetros percorridos, Nair de Brito interrompe a conversa com Zulmira Zambrota para afirmar que «enquanto houver criança o circo não morre». É o que ela tem a dizer quando lhe fazem a tradicional pergunta sobre o futuro daquilo que ela define com «a verdadeira alegria das crianças». Sua história é um atestado de sua coragem: antes de entrar para o Circo Italiano, Nair era funcionária do Banco do Brasil, no Rio Grande do Norte, onde cursava Ciências Contábeis. Conheceu Wandir — um dos proprietários do circo — durante uma apresentação em sua cidade e resolveu largar tudo. Seus pais, de início, se revoltaram e ela já enfrentou muita dificuldade, mas garante



Enquanto a lona do circo não fica pronta, os integrantes da «companhia» apresentam espetáculos para as crianças e promovem jogos de argola

que não se arrependeu. Chegou a contar sua experiência num livro, não editado, e que tinha como título «A crença sobre a vida humana». Já estava pronto para ser editado, «mas a minha amiga, que tinha a editora, morreu e os originais acabaram se perdendo».

## SOCIEDADE

Zulmira Zambrota é mãe de Wandir, Altamiro e Euripedes Anastácio, com quem formava sociedade e levava adiante os espetáculos do Circo Italiano, onde nasceu há 67 anos. Agora, a sociedade foi rompida e ao seu lado permanecem Wandir e Altamiro. Euripedes Anastácio «ficou lá», comandando o grupo de artistas que permanece integrando a companhia, atualmente se apresentando no Núcleo Bandeirante.

Zulmira Zambrota esclarece que «enquanto não der baixa na firma», ou seja, enquanto não estiver com a documentação regularizada, continuará chamando a sua nova companhia de «Circo Italiano», o mesmo nome do circo com quem rompeu a sociedade e que foi criado por seu pai, o italiano Antônio Zambrota, que de início o batizou de «Circo Amor e Arte». Sua mãe, «portuguesa de Lisboa», tem a mesma história que a nora: abandonou a família



Tudo ainda é improvisado, mas a dona da companhia, Nair de Brito, afirma que «enquanto houver crianças o circo não morre»

para seguir com o circo, ao lado de Antônio Zambrota.

## COMPANHIA

Atualmente, o grupo que tenta formar a nova companhia está numa área entre a QNN 5 e a QNN 7, mas as suas andanças já se estendem por seis meses. Não há propriamente um grupo de artistas formado. A lona definitiva ainda está sendo preparada («em fase de acabamento», que é demorada) e não há no local algo que possa ser chamado de picadeiro, mas apenas remendos de lona presos em estacas, em volta de arquibancadas mambembes e cadeiras de plástico. O chão sem calçamento e o vento se encarregam de que tudo permaneça empoeirado.

Enquanto a lona não fica pronta, o grupo vai tentando apresentar pequenos espetáculos para crianças, às sextas, sábados e domingos. Como as condições do local são péssimas, as apresentações se resumem a números com crianças, exibições de que equilíbrio e arremesso de faca, entremeados pela presença indispensável dos palhaços.

## DESPESA

Não são estas, no entanto, as dificuldades mais sérias. Nair de

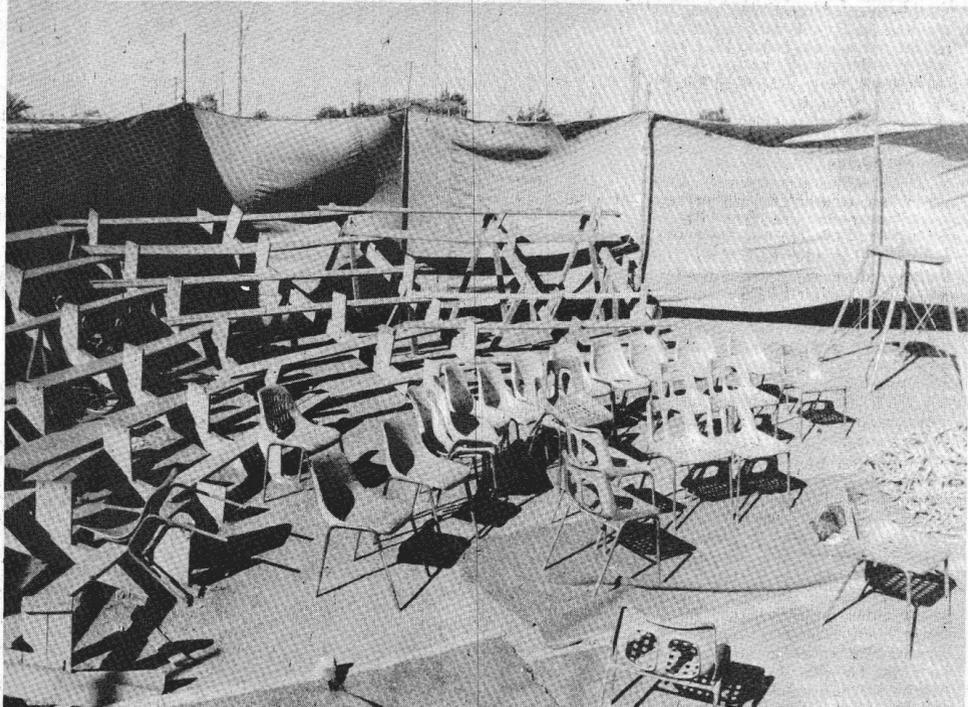
Brito explica que a despesa geral, por semana, chega a Cr\$ 4 mil, com alimentação, pagamento de artistas (quando isto é possível) e compra de medicamentos. Esta última despesa, com os medicamentos, tem sido muito grande, porque Altamiro Anastácio sofreu um derrame quando se apresentava com o Circo Italiano (o antigo) em Planaltina e ainda está se recuperando aos poucos, tomando remédios constantemente. Sua saúde inspira cuidados porque, além do derrame, ele já caiu do trapézio certa vez a fraturou a bacia.

A essas despesas, junta-se outra, com os impostos. Para estrear em um local, o grupo tem que pagar Cr\$ 1500 de taxas, por uma permanência de apenas 15 dias. A despesa geral por semana, acrescida à quinzenal, de Cr\$ 1500 de impostos, obriga à disponibilidade de uma verba de Cr\$ 9.500,00 aproximadamente, a cada quinze dias, que pesa muito para um grupo de 13 adultos, com sete crianças e sem condições de trabalhar naquilo que sabem fazer.

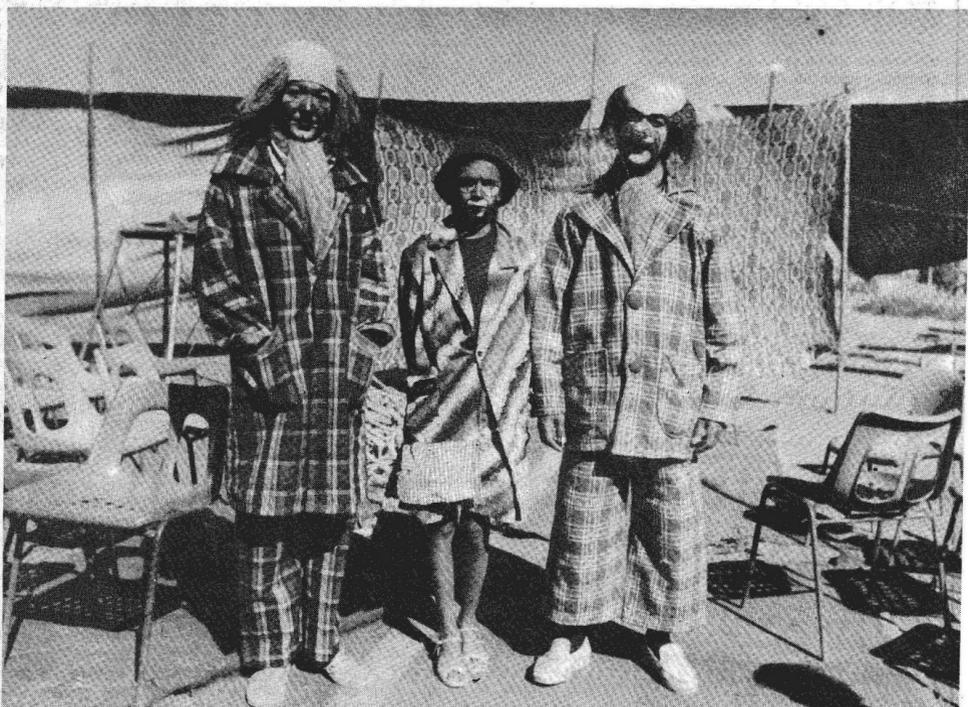
## INGRESSOS

Os ingressos, enquanto o circo não é estruturado, estão sendo cobrados na base de Cr\$ 15 por adulto e Cr\$ 10 por criança, sendo que nas matinês o preço cai para cinco cruzeiros, além de serem promovidos pequenos shows às terças para estudantes, que têm direito a abatimento de 50 por cento através de bônus escolares que são distribuídos pelos palhaços. Nos poucos dias em que conseguiram algum público, os espetáculos rendiam no máximo Cr\$ 500 — ou Cr\$ 900,00 nas noites de sábado e domingo. Nair, que também é a «contabilista» do grupo, admite que não está dando e, em mais uma tentativa de sobreviver, o grupo tem programado caravanas ao Santo Antônio do Descoberto, com o jogo de argola.

A primeira ida à cidade, no entanto foi desastrosa. O grupo pagou de frete Cr\$ 800,00 e teve uma despesa de Cr\$ 8 mil durante os seis dias de permanência, sem obter lucro algum e sem, sequer, cobrir a verba que gastou. Os Cr\$ 2.600,00 pagos à prefeitura e os Cr\$ 4 mil pagos pelo «aluguel do terreno», além das despesas com luz, alojamento e «taxa de coletoria» (de Cr\$ 180,00 por dia) obrigaram Zulmira Zambrota a se desfazer de todas as suas economias, que ela conseguiu juntar durante vários meses com a pensão de aposentadoria, no valor de meio salário mínimo por mês. O objetivo não era, como tentarão agora, promover o joguinho de argola, mas sim a apresentação de shows. «Não apareceu ninguém» — comunica Nair — «pois o negócio lá é jogo, bebida e dança, e além do mais o pessoal se empolgou com essa tal de discoteque». O dinheiro da pensão de Zulmira Zambrota só deu para pagar as despesas da ida e da permanência, e para o grupo voltar, Jarbas e Wandir tiveram que vender seus relógios, mas ainda conseguem sorrir quando contam.



A precariedade das instalações não tem sido um bom atrativo para o público, mas os circenses não desistem de levar adiante o seu projeto



Os palhaços do circo estão fazendo a alegria da criançada da Ceilândia, com espetáculos às sextas, sábados e domingos